

Casos do Beco das Sardinheiras

(onde importa sobremaneira não confundir
género humano com Manuel Germano)

Mário de Carvalho

Prólogo

O Beco das Sardinheiras é um beco como outro qualquer, encafuado na parte velha de Lisboa. Uns dizem que é de Alfama, outros que é já da Mouraria e sustentam as suas opiniões com sólidos argumentos topográficos, abonados pela doutrina de olisiponenses egrégios. Eu, por mim, não me pronuncio. Tenho ideia de que ali é mais Alfama, mas não ficaria muito escarmentado se me provassem que afinal é Mouraria.

Creio que o nome lhe vem das sardinheiras que exibem um carmesim vistoso durante todo o ano, plantadas num canteiro que rompe logo à esquina, não longe da drogaria que já fica na Rua dos Eléctricos.

A gente que habita o Beco é como as demais, nem boa nem má. Tem sobre os outros lisboetas um apego ainda maior ao seu sítio e às suas coisas. Desde há muito tempo que não há memória de que algum dos do Beco tenha emigrado de livre vontade.

À força, sim, fizeram a Índia e Alcácer Quibir, andaram no mar dos Japões e nas selvas brasileiras, sofreram em África, nas guerras muitas, bateram-se contra os boches, na Flandres.

Como todos nós. Aos recrutadores nunca foi imune o Beco. E, em boa verdade, não se pode dizer que tenha sido pior para os de lá esta permeabilidade à história que também foi a dos outros. Todas as fábulas, todos os contares, todas as imaginações das sete partidas do mundo penetraram o Beco e enriqueceram consideravelmente a sabedoria dos seus vizinhos.

E em tudo isto o Beco produziu gente ilustre, de que lembro agora o doutor Jácome Aberracaz, médico subido da corte do senhor rei D. João III. A casa em que nasceu, nos tempos em que os sítios eram de moirama ou judiaria, ainda lá está, a meio do Beco, ao lado esquerdo de quem olhe da Rua dos Eléctricos. Hoje é habitada no primeiro andar pelo Zeca da Carris e família, e no rés-do-chão por Dona Constança, a professora primária, sempre muito insofrida do lumbago e repon-tona com seus hóspedes.

Este doutor Aberracaz, marrano dos sete costados, deu muito que falar no seu tempo. Tantos visos tinha de sabedor e prudente que a Inquisição o poupou e se distraiu de saber se respeitava ou não o *sabbath*. Acontece que assistia também os inquisitoriais humores e que a sua banha de lagarto de Java, de que era exclusivo preparador, se apregoava em toda a Europa como remédio infalível para muitos males.

Na Torre do Tombo, conservaram-se duas obras dele, mas consta que teria escrito muitas mais. Uma vem em hebraico e chama-se *Interpelação às Dez Tribos Perdidas* e a outra — um túrgido tratado médico — vem em latim: *De catalepsia*.

De hebraico não sei nada, de maneira que a obra me ficou inacessível. E de latim risco muito pouco, mas o suficiente para sorrir, ao topar, no final de uma extensa descrição da

«Catalepsia do flanco direito», uma sentença muito minha conhecida e que ainda hoje é abundantemente utilizada no Beco das Sardinheiras: *Nec enim licet generum confundere humanum cum Emmanuelle Germano* («Convém mas é não confundir género humano com Manuel Germano»). Mal sabem os moradores do Beco que os seus anexins tiveram origem no senso do humor do facultativo judeu, que os verteu em latim macarrónico num insípido compêndio da sua arte.

E quanto ao Beco, fisicamente falando, como é, o que é que tem? Nada de especial, como foi dito. Casas velhas, de dois ou três andares, as tais sardinheiras à entrada, janelas de guilhotina, beirais avançados, flores várias nas varandas de ferro forjado e invariavelmente pintado de verde, um chão empedrado de sílices redondos e cheiro a refogados, ou a caracóis com orégãos. Ao fundo, o Beco alarga-se um tanto para ser logo travado pela parede lisa de um prédio que dispõe janelas para outro lado qualquer. Há muitos gatos e alguns cães que acamaradam fraternalmente com os homens.

O Beco cruza com a Rua dos Eléctricos, que todos os dias andam para baixo e para cima com um *tim talim* agradável aos ouvidos. Em volta, há algum comércio: a taberna da Marta, a padaria, a capelista, a drogaria do Marcelino. Bons sítios, abençoados, de reunião e má-língua.

Recomendaram-me que desenhasse um mapa neste livro para que o Beco pudesse ser encontrado sem custo. Lérias! Basta ir por Alfama abaixo ou por Mouraria acima, meter o nariz em todas as vielas e pracetas, e o Beco surgirá, sem sombra de dúvidas de que é aquele. Para quê entrar em mais pormenores?

De resto, o que acontece no Beco das Sardinheiras não difere do que se passa noutro lado qualquer, desde Benfica à Ajuda.

A questão é estar-se atento, abrir-se bem os olhos...